

O MENINO, O HOMEM E O SENHOR: MASCULINIDADES EM CONTOS LISPECTORIANOS

THE BOY, THE MAN AND THE LORD: MASCULINITIES IN LISPECTORIAN
TALES

Leandro Lopes Soares³⁴

Maria Edileuza da Costa³⁵

RESUMO: No que concerne a pesquisas sobre a obra de Clarice Lispector, diferentes enfoques foram abordados, principalmente aqueles relacionados à condição feminina, sendo, portanto, importante *corpus* para os estudos feministas. Visto a consagração dessas abordagens, outras ainda estão praticamente intocadas, a espera de ascendência, entre elas, a masculinidade. Propomos aqui um estudo voltado para diferentes tipos masculinos presentes em contos lispectorianos, com ênfase no menino do conto "O primeiro beijo", no homem d'"O crime do professor de matemática" e no senhor do conto "O jantar". Nesse sentido, serão abordadas diferentes nuances de uma (des)construção masculina em perfis divergentes que se conectam por um elo comum, fio condutor de relações de gênero, marcadas por ritos de iniciação, redenção e solidão.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Conto; Gênero; Masculinidade; Clarice Lispector.

ABSTRACT: With regard to research on the work of Clarice Lispector, different approaches were approached, especially those related to the feminine condition, being, therefore, an important corpus for the feminist studies. Considering the consecration of these approaches, others are still practically untouched, the expectation of ascendancy, among them, masculinity. We propose here a study aimed at different masculine types present in lispectorian tales, with emphasis on the boy from the story "O primeiro beijo", in the man of "O crime do professor de matemática" and in the master of the story "O jantar". In this sense, different nuances of a masculine (un)construction will be approached in divergent profiles that are connected by a common link, thread of gender relations, marked by rites of initiation, redemption and solitude.

KEYWORDS: Literature; Tale; Gender; Masculinity; Clarice Lispector.

³⁴ Mestrando em Letras na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Email: leandrolls231@gmail.com

³⁵ Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professora permanente e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: edileuzacostauern@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ao buscarmos rapidamente na internet trabalhos sobre a obra de Clarice Lispector, é comum depararmo-nos com estudos que abordam a condição feminina perante a sociedade, a infância e suas interfaces diante do mundo adulto, o animal e o humano em uma simbiose possível, a relação entre o eu e o outro (alteridade) em que os dois seres se conectam e se vivem, enfim, diferentes abordagens circunscritas numa tessitura inacabada, contínua e epifânica.

Trata-se de uma literatura voltada para a existência humana e suas nuances, para o (re)descobrimento da vida em um estado de dormente conformidade. As personagens lispectorianas experienciam o contato com a realidade quando imersas em um estado de alienação constante. É um retrato de um período em que as minorias, principalmente as mulheres, não tinham direito a voz, situação permanente até os dias atuais, mesmo com as importantes conquistas do movimento feminista.

Constituindo uma perspectiva de análise até então pouco abordada, a masculinidade na obra de Clarice Lispector carece de atenção minuciosa, visto a complexidade e o vasto universo masculino no qual os conflitos se desencadeiam. Desde Martim, personagem central do romance *A maçã no escuro*, passando por Ulisses, de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, até Daniel, do conto “Obsessão”, da coletânea *A bela e a fera*, diferentes representações do ser masculino podem ser visualizadas.

Em contra partida, estudos voltados para a masculinidade na literatura vêm ganhando espaço nos meios de divulgação de produções acadêmicas nas mais variadas perspectivas. Essa vertente de pesquisa, além de contribuir para as discussões acerca das questões de gênero, fortifica o diálogo da literatura com as Ciências Sociais, desconstruindo estereótipos masculinos e

apresentando sua diversidade. Dessa forma, pesquisar sobre o homem e as características que o definem enquanto tal, intersectando personagens literários e estudos voltados para os aspectos sociais, são benéficos para os dois campos de pesquisa.

No entanto, apesar desse aumento, os estudos sobre o homem na literatura ainda constituem um número pequeno de trabalhos, considerando a extensão abrangida pela área de Letras (SIMON, 2016, p. 9) quando comparados a estudos acerca do feminino. Entendendo essa modalidade de pesquisa não como contrária aos estudos feministas e sim como um complemento, devido à variedade de perspectivas que podem ser abordadas, estudar o homem na literatura, neste caso a brasileira, dialoga com os estudos feministas, no momento em que variados perfis masculinos são representados por autores brasileiros. “É um número pequeno que fica a espera da adesão de outros estudiosos dispostos a se desvencilhar de supostos compromissos com os demais homens e enfrentar um campo que oferece múltiplas fontes de trabalho” (SIMON, 2016, p. 10).

Dispostas as considerações introdutórias, o presente estudo volta-se para a questão da masculinidade em contos de Clarice Lispector. Torna-se pertinente por dois motivos: o fato de a masculinidade, como *corpus* analítico na área de Letras, ser ainda “acanhado” (SIMON, 2016, p. 9) e por priorizar um elemento da obra lispectoriana omitido por muitos “adeptos da corrente feminista” (LIMA, 2009, p. 246). Esperamos, com isso, contribuir para futuras análises voltadas para essa temática, bem como nos estudos sobre a condição feminina na obra desta autora, aspecto tão bem analisado por estudiosos(as) no Brasil e fora dele.

2. GÊNERO, MASCULINIDADE E SUA CONSTRUÇÃO SOCIAL: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

São crescentes os estudos de gênero na atualidade, cada qual com intuito de apresentar as diferenças impostas aos seres e aos corpos socialmente. Os seres são agrupados em dois gêneros já conhecidos (masculino e feminino), sendo educados para seguirem certos comportamentos dependendo do órgão sexual que nasceram. Se for um menino, este é encorajado a ser forte, corajoso, agressivo, viril (SAFFIOTI, 2015, p. 37-38); se menina, é preparada para o casamento, para servir ao marido, cuidar do lar e dos filhos (OLIVEIRA, 2004, p. 49). Desta forma,

“Ser homem” ou “ser mulher” é fruto de construções sociais. A forma como se processa a leitura da estrutura corpórea varia de acordo com as culturas e, mesmo dentro de uma mesma cultura, podem-se ter múltiplas identidades do gênero masculino e do gênero feminino, daí a pouca importância que a dimensão natural tem para explicar as múltiplas configurações de gênero. O corpo já nasce imerso em determinadas relações de gênero (BENTO, 2015, p. 59).

De fato, os desafios que o homem, assim como a mulher, enfrentará nos anos vindouros de sua existência seguem uma linha padrão de comportamento moldada pelas instituições sociais detentoras dos poderes de domesticação. Desse modo, a família, a escola, a igreja, funcionam como agentes de socialização com a função de tornar seres humanos em homens e mulheres. Atualmente é possível falar em masculinidades, devido à existência de múltiplas identidades masculinas; no entanto, ainda é comum associar o homem ao modelo hegemônico de masculinidade, aquele com a “capacidade de impor uma definição específica sobre outros tipos de masculinidade” (BENTO, 2015, p. 87), em que todos que não se enquadram nestes requisitos, são marginalizados.

Em diversas sociedades do mundo, as crianças passam por verdadeiros rituais de iniciação, principalmente os meninos. Ao atingir certa idade,

dependendo da cultura de seu povo, os meninos são afastados de suas mães, passando a conviver apenas com os outros homens. Esse afastamento tem por objetivo evitar qualquer tendência do menino a comportamentos tidos como femininos considerados como sinônimo de fraqueza e de vergonha para os membros da família.

É, por exemplo, o caso dos ritos ditos “de separação”, que têm por função emancipar um menino com relação à sua mãe e garantir sua progressiva masculinização, incitando-o e preparando-o para enfrentar o mundo exterior. [...] os meninos têm que realizar para cortar a quase-simbiose original com a mãe e afirmar uma identidade sexual própria é expresso e explicitamente acompanhado, ou mesmo organizado, pelo grupo que, em toda uma série de ritos de instituição sexuais orientados no sentido da virilização e, mais amplamente, em todas as práticas diferenciadas e diferenciadoras da existência diária (esportes e jogos viris, caça etc.), encoraja a ruptura com o mundo materno (BOURDIEU, 2016, p. 43).

Há um medo permanente do homem em demonstrar seus sentimentos, inerentes a todos os seres humanos. Como a mulher é considerada o sexo frágil, qualquer conduta que associe o homem a mulher deve ser eliminada. Com isso, desde a infância garotos são preparados e orientados para ações comportamentais opostas ao feminino, iniciadas, em certas sociedades, com a separação total de suas mães. Por conseguinte, todas as práticas seguem essa mesma linha chegando aos esportes³⁶, às artes, ao campo profissional, entre outras instâncias.

Dialogando com Bourdieu (2016), que investigou os povos da Cabília, Nolasco (2001) cita exemplos de ritos de iniciação masculina em algumas sociedades em que a separação do menino da figura feminina (a mãe) é

³⁶ O futebol, por exemplo, por muito tempo foi considerado um esporte de homens. Aos poucos as mulheres adentraram neste campo, porém sem tanta visibilidade. Isso pode ser observado ainda nos dias atuais quando, tomando o Brasil como exemplo, grande parte dos brasileiros espera a conquista do hexacampeonato da seleção masculina, enquanto a seleção brasileira de futebol feminino já é heptacampeã da Copa América, fato desconhecido por muitos.

considerada imprescindível. Em algumas delas, práticas homossexuais (em um período determinado) são fundamentais para a construção masculina, sendo substituídas por outras que provem virilidade, força e inteligência, num processo contínuo.

Tais ritos sustentam a crença de que a representação masculina se constrói por intermédio da eliminação dos elementos das representações femininas absorvidos durante a primeira infância. Ao mesmo tempo que autorizam uma relação com a mãe e com outras mulheres da comunidade, diferentes culturas crêem que a masculinidade é concebida como um ato de ruptura, de força, de resgate e vigor a ser continuamente observado por meio dos testes. Estes testes testemunharão se de fato os meninos se tornaram *homens de verdade* ou se, pelo contrário, ainda se encontram retidos no mundo das mulheres e não cessam até que o jovem conquise credibilidade e reconhecimento social (NOLASCO, 2001, p. 94, grifo do autor).

Com isso, percebe-se diferenças de pensamento e o quão pode ser doloroso tornar-se homem. Em muitas culturas, os meninos são submetidos a atos de violência brutais, além da ingestão de líquidos masculinos, considerados fortificantes e essenciais para um bom desempenho de suas tarefas, entre eles, sêmen e sangue. No Brasil, alguns ritos de iniciação, como os que impõem a ingestão de sêmen, são descartados do fazer-se homem socialmente. Essa prática, além de repudiada por homens pertencentes ao modelo hegemônico de masculinidade, é associada por eles ao homossexualismo, sendo, uma vez praticada, carregada como peso e vergonha durante toda a vida deste homem.

As cobranças masculinas estão presentes em todas as esferas sociais, assim como, de classes. A moldagem de seu comportamento acompanha-o até a vida adulta e até, na velhice. Mesmo adulto, casado e com filhos, o homem é praticamente obrigado a comportar-se masculinamente, guardando suas angústias e sentimentos para si. Quando, já em uma idade avançada, em que se presume ter alcançado tudo, inclusive a felicidade, a realidade se configura de

outra forma, pois, à medida que se envelhece, acontecimentos passados e presentes influenciam no estado atual da vivência humana.

Consoante, o processo de socialização masculina começa na infância e se estende por toda a vida, sendo passado de geração para geração. O modelo hegemônico de masculinidade, mesmo constituindo uma minoria, exerce grande poder sobre outros homens que não agem segundo as regras patriarcais. Estes, por sua vez, precisam negar/esconder características ligadas à natureza feminina para que sua identidade masculina aflore (BENTO, 2015, p. 69). “Tornar-se homem é um empreendimento social de longa duração” (BENTO, 2015, p. 113).

3. A MASCULINIDADE EM CONTOS LISPECTORIANOS: NUANCES

O presente texto trata da análise dos contos de Clarice Lispector, portanto, tendo em vista o vasto acervo de contos desta autora, unido ao propósito de trabalhar a masculinidade em sua literatura, os textos escolhidos para este estudo foram “O primeiro beijo”, da coletânea *Felicidade clandestina* (1998), “O crime do professor de matemática” do livro *Laços de família* (2009) e “O jantar”, presente neste mesmo volume.

Desta forma serão privilegiados diferentes aspectos da condição masculina em diferentes fases da vida (infância, adulta e velhice) através do primeiro beijo de um menino, episódio divisor de águas funcionando como fio de transição entre a infância e adolescência; no ato desesperado de um professor de Matemática na busca por redenção por um “crime” cometido no passado; no jantar de um senhor, uma espécie de Santa Ceia de um homem solitário, na fase avançada da vida.

3.1. Do primeiro beijo transformou-se o menino

Dentre as temáticas presentes na literatura de Clarice Lispector, a infância vem sendo bastante abordada em pesquisas cujo olhar direciona-se a esta fase da vida, por vezes colocada à margem do mundo adulto. Personagens intrigantes que, com suas artimanhas (in)comuns às crianças, diferenciam-se por se prostrarem diante de conflituosos episódios, de maneira a surpreender e evidenciar angústias e outros sentimentos existentes já na fase infantil. Meninos e meninas, eles menos representados que elas, externalizam, por meio de monólogos interiores, facetas de um universo sujeito a acontecimentos cujas consequências podem perdurar durante toda uma vida.

A infância manifestada em seus textos é caracterizada por um lastre realista, que expõe o desequilíbrio da criança em aprendizagem diante do mundo. Não predomina nessa exposição uma vivência harmônica. As experiências desse período e a sua representação na ficção de Clarice Lispector se propagam de modo singular, pois o lastro realista das vivências infantis e o discurso ficcional clariciano são acionados não para se harmonizarem, mas para demonstrar tensões que são comuns a ambos (TEIXEIRA, 2010, p. 9).

Um desses personagens é protagonista de uma breve narrativa centrada nas primeiras descobertas da sexualidade masculina em que sensações internas e externas ao corpo marcam a iniciação do menino no mundo dos homens. Trata-se do conto “O primeiro beijo” e nele um jovem, motivado por uma pergunta de sua namorada, rememora um episódio ocorrido em sua infância, durante um passeio escolar. Todo o conto gira em torno dessa ação: o namorado tentando explicar à sua namorada como foi o seu primeiro beijo.

Narrado em terceira pessoa, o conto é envolto por uma atmosfera de sensualidade percebida desde a descrição do ambiente e do clima de forma a enfatizar o calor e as sensações causadas por ele. Para responder a indagação de sua parceira, o rapaz narra todo o ocorrido minuciosamente, utilizando-se

do passado como justificativa para o presente, o antes justificando o agora. Dessa forma, alude a momentos intensos e íntimos onde o corpo reage aos estímulos, descrevendo cada detalhe de maneira a nos permitir associá-los com o grande acontecimento da história.

O ônibus da excursão subia lentamente a serra. Ele, um dos garotos no meio da garotada em algazarra, deixava a brisa fresca bater-lhe no rosto e entrar-lhe pelos cabelos com dedos longos, finos e sem peso como os de uma mãe. Ficar às vezes quieto, sem quase pensar, e apenas sentir – era tão bom. A concentração no sentir era difícil no meio da balbúrdia dos companheiros (LISPECTOR, 1998, p. 157).

Trata-se de um conto em que o sentir ganha evidência à medida que o personagem avança em direção ao líquido capaz de saciar sua sede. Distante da mãe, figura feminina mais presente na vida dos filhos, o garoto distancia-se, desse modo, do universo feminino, para viver suas próprias experiências, condicionantes do sexo masculino. Assim como os garotos são separados de suas mães nos ritos de passagem citados anteriormente, o personagem lispetoriano distancia-se da sua, dando início a sua transição de fase: ele está prestes a se tornar um homem.

Aos poucos, sendo consumido por uma sede que “era de anos” (LISPECTOR, 1998, p. 158), como se a vida o estivesse abandonando, a saliva, o calor, tudo que ele sente, parece ultrapassar o real sentido de seus significados em meio ao contexto. A sede não é só por água, a saliva não é simplesmente por causa da sede e o calor também não é apenas porque o dia está quente, tudo vai além. Tudo é um reflexo do que ele está prestes a descobrir, como se o destino conspirasse para esse acontecimento: uma sede de anos, de desejo, por uma necessidade do seu corpo que o faz salivar para amenizá-la, um calor que é resultado da euforia e da turbulência de sentimentos que habitam o seu corpo naquele momento.

Guiado por seu instinto animal, o aguçado faro que torna o macho capaz de encontrar o que procura, o garoto encontra, finalmente, a água desejada. No trecho que descreve o local onde a água se encontra: “o instinto dele não errara: na curva inesperada da estrada, entre arbustos, estava... o chafariz de onde brotava num filete a água sonhada” (LISPECTOR, 1998, p. 158), o emprego de algumas palavras permite-nos associar esse percurso ao ser feminino, descrevendo o caminho traçado no corpo da mulher, como num momento de carícias íntimas, até chegar à parte desejada.

Depois de tomada a água, ele sente como se a vida voltasse novamente para o seu corpo. Sente sua força renovada. E, no momento da percepção da fonte por onde brota a água, um chafariz, uma estátua com a forma de uma mulher, o sentir alcança um estado de clímax intenso, despertando partes do seu corpo de menino, até então adormecidas³⁷.

Abriu os olhos e viu bem junto de sua cara dois olhos de estátua fitando-o e viu que era a estátua de uma mulher e que era da boca da mulher que saía a água. Lembrou-se de que realmente ao primeiro gole sentira nos lábios um contato gélido, mais frio do que a água (LISPECTOR, 1998, p. 158-159).

Após o beijo “Sofreu um tremor que não se via por fora e que se iniciou bem dentro dele e tomou-lhe o corpo todo estourando pelo resto em brasa viva” (LISPECTOR 1998, p. 159). Em seguida “Deu um passo para trás ou para a frente, nem sabia mais o que fazia. Perturbado, atônito, percebeu que uma parte de seu corpo, sempre antes relaxada, estava agora com uma tensão agressiva, e isso nunca lhe tinha acontecido” (LISPECTOR, 1998, p. 159). Percebemos, por

³⁷ Esse despertar para a sexualidade tensionado através do corpo humano em sua representação inumana (estátua), também aparece no conto “Miss Algrave”, da obra *A via crucis do corpo* (1998): “Quando passava pelo Picadilly Circle e via as mulheres esperando homens nas esquinas, só faltava vomitar. Ainda mais por dinheiro! Era demais para se suportar. E aquela *estátua de Eros*, ali, indecente” (LISPECTOR, 1998, p. 13, grifos nossos).

esses trechos, que o homem está prestes a nascer do seu interior, um ser feroz, com melhor capacidade de percepção; mais esperto, mais ágil, mais preparado para as coisas do mundo. Isso pode ser comprovado quando ele passa por todos e é o primeiro a tomar água, vencendo assim a disputa. É o homem que existe dentro dele defendendo seus interesses. O jovem do conto sente isso quando faz a passagem de uma fase para outra de sua vida.

Há ainda uma relação de associação entre elementos naturais e sentimentos humanos; como a água sendo associada à vida e ao erotismo, e o vento e o calor associados ao sexo. Ao perceber que tomou água de um chafariz que tem a forma de uma mulher nua, o menino fica atordoado. A água que tomou saiu da boca de uma mulher; o líquido que saciou sua sede saiu da boca de um ser do sexo feminino³⁸. Faz-se uma comparação desse episódio com o fato de ser da mulher que nasce a vida. Nesse sentido, ele sentiu-se vivo novamente.

“Estava de pé, docemente agressivo, sozinho, no meio dos outros, de coração batendo fundo, espaçado, sentindo o mundo se transformar. A vida era inteiramente nova, era outra, descoberta com sobressalto” (LISPECTOR, 1998, p. 159). Fica sem saber o que pensar, até que, de tanto desejo, ele tem sua primeira ejaculação. O momento em que deixa de ser menino e passa a ser homem. Começa então seu rito de passagem.

Quando se trata de narrar os ritos de passagem que constituem a masculinidade, há uma comparação com o processo vivenciado pelo menino como doloroso, traumático, e o da menina é marcado por uma passagem mais tranqüila da infância para a fase adulta. “Prove que você é homem”, é o desafio que o gênero masculino enfrenta permanentemente (BENTO, 2015, p. 65).

³⁸ Há de se considerar o fato de em alguns grupos antigos e alguns ainda recentes a mulher ser considerada um ser sagrado por ser dela a capacidade de originar a vida. “Nesses grupos, a mulher ainda é considerada um ser sagrado, porque é capaz de dar a vida e, portanto, ajudar a fertilidade da terra e dos animais” (MURARO, 2015, p. 9).

No caso do menino do conto em análise, esse processo de mudança de fase ou rito de passagem, ocorreu de uma maneira tranquila, sem grandes sofrimentos ou dores físicas, como os das sociedades descritas pelos estudiosos da masculinidade: cabila (BOURDIEU, 2016), baruya e sambia, (NOLASCO, 2001), trukeses, Kalymnos, Massai, Rendille, Jie e Samburu (OLIVEIRA, 2004). No entanto, considerando a metáfora da sede, ora como sede no sentido real da palavra, saciada pelo elemento água, ora como sede no sentido de instinto sexual masculino, o ato de tomar água vinda da boca de uma estátua com a forma de uma mulher pode ser associado ao ato invertido de ingerir esperma de outros homens na crença de adquirir suas características masculinas. No caso do personagem lispectoriano, a vida.

“Até que, vinda da profundidade de seu ser, jorrou de uma fonte oculta nele a verdade. Que logo o encheu de susto e logo também de um orgulho antes jamais sentido: ele... Ele se tornara homem” (LISPECTOR, 1998, p. 159). Trazendo de modo implícito que, para saciar seus desejos, muitas vezes o macho trata o outro ser como objeto, no caso a estátua, metáfora da mulher, pois o mesmo quer apenas se satisfazer sem se importar com a forma, o jovem sente um amadurecimento, a perda de sua inocência, de certa forma, pois no fundo sabia que a partir daquele momento nada seria como antes, passaria a se comportar de uma maneira diferente e novas coisas chamariam a sua atenção: garotas, por exemplo.

Enfim, partindo de um lapso de memória, recontando uma sede tão intensa que chega a ser carnal, percebemos, na verdade, que ele nunca tinha beijado uma mulher antes, e que diante da situação em que se encontrava, não quis se mostrar inferior a sua namorada; ela estava com ciúmes e ele gostou de vê-la assim; ele não quis admitir a própria inexperiência, pois isso seria um sinal de fraqueza, visto que, para o homem, quando se trata de relações desse tipo, convém-lhe “ser” superior a mulher.

3.2 Do cálculo matemático, por redenção aspirou o homem

Presente na coletânea *Laços de família* (2009) “O crime do professor de matemática” é um dos treze contos do livro e um dos poucos de Clarice Lispector protagonizado por um personagem masculino. Nele, um professor de matemática, um homem já adulto, decide enterrar um cão de rua como uma forma de se perdoar por ter abandonado José, o cão de estimação da família. Neste propósito, tomado por uma crise oriunda de um sentimento de dívida para com o mundo, nuances de um ser do sexo masculino são delineadas numa intersecção de passado e presente marcada por uma personalidade calculista.

“Quando o homem atingiu a colina mais alto, os sinos tocavam na cidade embaixo. Viam-se apenas os tetos irregulares das casas. Perto dele estava a única árvore da chapada. O homem estava de pé com um saco pesado na mão” (LISPECTOR, 2009, 118). Inicialmente não temos conhecimento do que está dentro do saco, fato que desperta curiosidade já presente desde o título do conto, motivada, principalmente pela palavra crime. Apenas no quarto parágrafo é que tomamos conhecimento do conteúdo do saco: trata-se de um cão morto.

No decorrer da narrativa os fatos vão sendo apresentados até o momento em que ação principal do texto pode ser compreendida. Motivado por um acontecimento anterior, revisitado pelo recurso da memória, um professor de matemática almeja punição para o abandono, configurado no pensamento dele como um crime, de um cão, em virtude de uma mudança de cidade, “com uma desculpa que todos em casa aprovaram: porque como poderia eu fazer uma viagem de mudança com bagagem e família, e ainda mais um cão, com adaptação ao novo colégio e à nova cidade, e ainda mais um cão?” (LISPECTOR, 2009, p. 123).

É notória a arquitetura do plano na mente do professor, colocado em prática nos mínimos detalhes. Primeiro ele decide abandonar o cão e apresenta argumentos capazes de convencer toda a sua família. No entanto, o que ele não contara (o elemento surpresa), é que não seria tão fácil esquecer este episódio, levando-o a execução de outro plano, calculado matematicamente: tem início, portanto, no momento em que ele decide subir o alto da colina, escolher o local certo, a profundidade da cova, enquanto batem os sinos da igreja da cidade, momento perfeito para “o consolo da punição” (LISPECTOR, 2009, p. 119).

No conto, vários elementos contidos na narrativa apontam para questões masculinas moldadas pela sociedade. O professor sente culpa e angústia, sentimentos que funcionam como uma espécie de fraqueza, contrariando as normas sociais impostas aos homens. Por isso, para se livrar dessa culpa, procura um lugar onde ninguém o veja, pois, aos olhos dos outros, tal comportamento seria absurdo, incomum a um homem de verdade. Desta forma, os métodos utilizados nos ritos de passagens masculinos descritos no capítulo anterior não terminam quando o homem atinge a fase adulta: “A masculinidade é um teste implacável e permanente” (BENTO, 2015, p. 95).

A todo tempo ele terá de provar sua masculinidade, seguindo o modelo hegemônico, tão caro àqueles que não se enquadram em tal categoria. Além disso, optando por levar o cão para a nova cidade, o homem estaria sujeito ao perigo de corresponder aos afetos do animal, aproximando-se, dessa forma, do que tanto se esforçara para evitar: sua humanidade. Através de José, uma espécie de reflexo do que ele poderia ser, o professor contacta um íntimo do eu, num estado de vislumbre de um futuro possível pelas vias primárias da relação com o outro animalesco.

Pelo contato com o outro, neste caso, com o cachorro, não o primeiro (José), mas o segundo que inconscientemente remete ao primeiro, o personagem vê-se convidado a abandonar seu posicionamento estático, para

experienciar um contato direto com o mundo a sua volta, transformando seu comportamento maquínico em mais humano. O cão abandonado tem a liberdade que o professor não se permite ter por seus condicionamentos sociais. Desta forma, José representa aquilo que o homem seria se não se importasse tanto com a sociedade. Em Clarice,

a busca do *outro* se dá a partir de uma posição narcisista, que se caracteriza por uma dificuldade de discriminação entre *eu* e *outro*. O encontro com o *outro* configuraria o fracasso de uma tentativa intensa de superação desse estágio. Em termos de representação literária, tal fenômeno se concretiza mediante a adoção de linguagem suficientemente sofisticada e sutil, capaz de tematizar de diversas formas e em diversos níveis, essa zona de indiferenciação, de limites borrados entre o *eu* e o *outro*. Concretiza-se também numa certa estética do fracasso, uma vez que o encontro com o *outro* é apresentado com base nas limitações do ponto de vista do *mesmo*. E, finalmente, concretiza-se (expressão suprema do paradoxo) ao conferir *visibilidade literária* ao *outro* mediante a ênfase na sua *invisibilidade* perante o olhar narcisista do *mesmo* (KAHN, 2005, p. 19-20, grifos da autora).

Ao abandonar José, o homem se livra da tentação de se tornar mais humano, superando assim sua fraqueza. No entanto, por carregar consigo essa culpa por tantos anos, chegando ao máximo do desespero de recolher um cachorro qualquer morto na rua, essa tentativa mostra-se fracassada, no instante mesmo que o enterro é desfeito. Este episódio pode ser associado também à honra, tão importante para o homem. Entendendo o abandono de José como um ato de covardia, pois o cão era seu amigo e, apesar disso, representava um perigo forçando o professor a ultrapassar as barreiras criadas por ele mesmo, exigindo dele apenas que fosse um homem. O que prevalece é um medo constante de sair de sua zona de conforto, uma vida matematicamente regrada, calculada e previsível.

E agora, mais matemático ainda, procurava um meio de não se ter punido. Ele não devia ser consolado. Procurava friamente um modo de destruir o falso enterro do cão desconhecido. Abaixou-se então, e, solene, calmo, com movimentos simples – desenterrou o cão. O cão escuro apareceu afinal inteiro, infamiliar com a terra nos cílios, os olhos abertos e cristalizados (LISPECTOR, 2009, p. 125).

Em linhas gerais o professor de matemática do conto lispectoriano é um homem que não consegue fugir das amarras sociais que o prende a uma postura condicionada perante as exigências da sociedade. Incapaz de contrariar a imagem estática de um profissional regrado a solução de problemas optando sempre pela praticidade, o personagem abandona um cão na infância e enterra outro quando adulto, para livrar-se da culpa. No entanto, desiste do ato, pois percebe que não há redenção para o crime que cometera, não conseguindo libertar-se de sua condição, fugindo, assim, das maravilhas da capacidade de sentir.

Pressupõe-se que o professor de matemática, por conviver diariamente com a resolução de problemas, fórmulas, regras e cálculos, seja um homem caracterizado, principalmente, pela lógica e pela razão. Com olhar voltado para este raciocínio, é possível afirmar que o professor lispectoriano adquire um perfil condizente com a imagem social deste profissional, procurando uma solução prática para o problema que o inquietava. Provavelmente a história teria outra configuração narrativa e outro desfecho, caso o protagonista lecionasse outra disciplina, História ou Língua Portuguesa, por exemplo.

Imergido num enigmático fluxo psicológico, revisitando a memória individual, pois quando alguém procura informações sobre um acontecimento passado do qual participou direta ou indiretamente, seu testemunho é sempre o primeiro ao qual recorre (HALBWACHS, 2003, p. 29), a linguagem do conto aproxima-se ao discurso bíblico, no momento mesmo em que o narrador potencializa a esperteza do professor diante da crença cristã do Juízo Final.

Um homem ainda conseguia ser mais esperto que o Juízo Final. Este crime ninguém o condenava. Nem a igreja. “Todos são meus cúmplices, José. Eu teria que bater de porta em porta e mendigar que me acusassem e me punissem: todos me bateriam a porta com uma cara de repente endurecida. Este crime ninguém me condena. Nem tu, José, me condenarias. Pois bastaria, esta pessoa poderosa que sou, escolher de te chamar – e, do teu abandono nas ruas, num pulo me lambérias a face com alegria e perdão. Eu te daria a outra face a beijar” (LISPECTOR, 2009, p. 124).

Temos, portanto, uma inversão do fato bíblico da traição de Judas a Jesus Cristo, selada por um beijo em sua face. O professor de matemática está ciente da fama que têm os cães no que tange a fidelidade ao seu dono, mesmo quando este o machuca de algum modo. Por isso, quando o seu melhor amigo pulasse e lambesse o seu rosto num ato de perdão, o homem ofereceria a outra face para o beijo. Essa demonstração de carinho, nesse sentido, significaria a redenção do crime cometido: o beijo como símbolo de perdão. Por outro lado, se vista sob divergente perspectiva, seria uma espécie de denúncia do criminoso: Assim como Judas denunciou Jesus aos soldados, José denunciaria o professor.

No final do conto o retorno ao estado inicial. Tendo aprendido a lição que José o ensinara e percebido não haver punição/redenção/pagamento para o crime/erro/dívida que possuía, o homem, frio e calculista como é exigido de alguém do seu sexo, decide então voltar para sua vida, deixando o abandono de José no obscuro passado de sua mente. “E assim o professor de matemática renovara o seu crime para sempre. O homem então olhou para os lados e para o céu pedindo testemunha para o que fizera. E como se não bastasse ainda, começou a descer as escarpas em direção ao seio de sua família” (LISPECTOR, 2009, p. 125).

3.3 Da solidão vivida alimentou-se o senhor

Um restaurante é o cenário escolhido por Clarice Lispector para narrar, através de um narrador-personagem, o momento em que um senhor faz sua refeição noturna, tendo como única companhia, ele próprio. O conto é “O jantar”, do livro *Laços de família*, e a narrativa é centrada na descrição minuciosa do ato de comer deste homem, que, sozinho na mesa, alimenta-se com voracidade. Descrita por outro homem que se irrita ao presenciar nauseante cena, o texto ganha corporeidade à medida que o velho, como o senhor é chamado pelo narrador, oscila entre momentos de glória e de dificuldades na alimentação. Há um conflito na narrativa, presente não apenas neste texto, bem como

Na maioria dos contos da autora, o episódio único que serve de núcleo à narrativa é um momento de *tensão conflitiva*. Como núcleo, isto é, como centro de continuidade épica, tal momento de crise interior aparece diversamente condicionado e qualificado em função do desenvolvimento que a história recebe (NUNES, 1995, p. 84, grifo do autor).

Esse conflito, originado do contato com o outro, é marcado pela tensão de um único fato, geralmente algo banal e corriqueiro, desencadeante de uma teia de acontecimentos que ganha profundidade na ficção lispectoriana. Seja em contato com o homem, a exemplo de Ana do conto “Amor”, com o animal, tal qual a personagem de “Perdoando Deus”, com o vegetal, no caso de Laura em “A imitação da rosa” ou com o inumano, assim como o menino do conto “O primeiro beijo”, analisado anteriormente, consequências diversas para o desnudamento do mundo e do próprio ser são presenciadas.

A narrativa do conto “O jantar” é basicamente a seguinte: um homem jovem está jantando em um restaurante quando percebe a entrada de outro homem, um senhor, que “Poderia ter uns sessenta anos, era alto, corpulento, de cabelos brancos, sobrancelhas espessas e mãos potentes. Num dedo o anel de

sua força” (LISPECTOR, 2009, p. 76), no intuito de fazer o mesmo que ele, comer. Este senhor, no entanto, desperta a atenção do primeiro pela forma como se alimenta, levando-o a observá-lo até sua saída do estabelecimento. Este curto intervalo de tempo é suficiente para um desconcerto do jovem, mediante a presença do velho, num embate entre duas fases da vida, que, devido ao fato de não notar estar sendo observado, é desconhecido do senhor.

Assim como neste, o ato de comer está presente em vários outros contos de Clarice Lispector, a exemplo, “Come, meu filho”, “Começos de uma fortuna” e “Amor”. Desta forma, a esse hábito cotidiano, comum a maioria das pessoas, é dada significância e visibilidade. Grosso modo, não se trata apenas de se alimentar, a significância ultrapassa esse limiar primário, configurando-se como algo simbólico, ritualístico, sagrado.

A comida é símbolo de vida no momento em que sacia a fome e restaura as energias; do mesmo modo pode ser prejudicial à saúde, se consumida em excesso. Está presente desde os primórdios da humanidade e passou por várias transformações ao longo do tempo, chegando a luxuosos pratos com sofisticados aparatos estéticos. Simboliza a união, pois, é no momento das refeições que a família se reúne em volta da mesa, assim como em grandes eventos como batizados, casamentos e aniversários. Por isso:

Se queremos dar a algum acontecimento significado emocional, simbólica ou misticamente, o alimento estará presente para santificá-lo e enaltecê-lo. Todas as culturas usam o alimento como sinal de aprovação ou comemoração, e acredita-se até que alguns alimentos possuam dons sobrenaturais, outros são comidos simbolicamente, e ainda outros, de maneira ritual (ACKERMAN, 1996, p. 161).

No caso do conto em análise, há toda uma simbologia, aludindo, inclusive, ao episódio bíblico da Santa Ceia: “Ei-lo de olhos fechados mastigando pão com vigor e mecanismo, os dois punhos cerrados sobre a mesa”

(LISPECTOR, 2009, p. 76); “Ele agora misturava à carne os goles de vinho na grande boca e os dentes postiços mastigavam pesados enquanto eu o espreitava em vão” (LISPECTOR, 2009, p. 79) e “Pega então no copo de vinho e bebe de olhos fechados, em rumorosa ressurreição” (LISPECTOR, 2009, p. 79). Aos poucos vão sendo introduzidos os alimentos oferecidos por Jesus Cristo aos seus apóstolos momentos antes da traição de Judas; pão (representação simbólica do corpo de Cristo podendo ser associado à carne), carne e vinho; corpo e sangue de Cristo. No entanto, diferentemente da refeição sagrada descrita na Bíblia, em que o filho de Deus tem sua última ceia em companhia dos doze apóstolos e antes da Paixão, no conto lispectoriano a ceia do personagem é solitária, acompanhada apenas pelo garçom, quando este é solicitado. Sem perceber, o senhor está ainda sendo observado por outro homem, mais jovem que, espantado com a maneira de comer, narra cada detalhe deste momento de forma nauseante.

Porque agora desperto, virava subitamente a carne de um lado e de outro, examinava-a com veemência, a ponta da língua aparecendo – apalpava o bife com as costas do garfo, quase o cheirava, mexendo a boca de antemão. E começava a cortá-lo com um movimento inútil de vigor de todo o corpo. Em breve levava um pedaço a certa altura do rosto e, como se tivesse que apanhá-lo em voo, abocanhava-o num arrebatamento de cabeça. Olhei para o meu prato. Quando fitei-o de novo, ele estava em plena glória do jantar, mastigando de boca aberta, passando a língua pelos dentes, com o olhar fixo na luz do teto. Eu já ia cortar a carne de novo, quando o vi parar inteiramente (LISPECTOR, 2009, p. 76-77).

O homem do conto “O jantar” é descrito pelo outro de maneira a evidenciar suas características masculinas, numa mimese animalesca que de certa forma, evidencia condutas características do sistema patriarcal, bem como do modelo hegemônico de masculinidade. “Então, já sem fome, o grande cavalo apóia a cabeça na mão” (LISPECTOR, 2009, p. 80) e “Passou a mão quadrada pelos cabelos brancos, alisando-os com poder” (LISPECTOR, 2009, p. 80), são

trechos que evidenciam as características de uma personalidade marcada pela força, pela coragem, pela virilidade e pelo poder, condutas que potencializam sua masculinidade.

Por outro lado, também são mostradas através desse personagem as angústias de um ser que não pode demonstrar seus sentimentos, guardando-os para si na tentativa de preservar uma identidade máscula, construída a mercê das normas sociais. Para que o seu lado sensível não aflore, pois este é associado ao feminino e deve ser evitado segundo o modelo hegemônico de masculinidade, o personagem lispectoriano esforça-se para manter uma aparência poderosa, sinônimo de potência e força masculina, enclausurando qualquer sinal de fraqueza. Mas a comida o entrega:

O primeiro sinal mais claro aparece. O velho comedor de crianças pensa nas suas profundezas. Com palidez vejo-o levar o guardanapo à boca. Imagino ouvir um soluço. [...] Talvez ele tivesse comido depressa demais. [...] Mas ele desmoronava a olhos vistos. Os traços agora caídos e dementes, ele balançava a cabeça de um lado para outro, de um lado para outro sem se conter mais, com a boca apertada, os olhos cerrados, embalando-se – o patriarca estava chorando por dentro (LISPECTOR, 2009, p. 80).

“O patriarca estava chorando por dentro”, essa frase resume tudo o que vem sendo dito até aqui. Não nos é revelado nada da vida do personagem, apenas algumas características que permitem associá-lo a um homem com boas condições financeiras e que alcançou um padrão de vida onde ele dá as ordens. Por esse motivo, tenta camuflar suas emoções diante das outras pessoas presentes no restaurante, mas não percebe que, entre eles, um o notou, enxergando sua angústia interior, denunciada pela forma como comia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, com este estudo, analisar a masculinidade em contos da escritora Clarice Lispector tomando como *corpus* de análise os personagens dos contos “O primeiro beijo”, “O crime do professor de matemática” e “O jantar”; o menino, o homem e o senhor, respectivamente. Por meio deles, buscamos evidenciar os condicionamentos sociais que forçam o sexo masculino a reprimir certas emoções comuns ao ser humano e que visam de toda forma, afastá-lo daquilo que é associado ao feminino, sendo sinônimo de fraqueza segundo as regras regentes do sistema patriarcal.

Através do menino do conto “O primeiro beijo” foi possível visualizar as primeiras manifestações da sexualidade masculina, despertadas pelo contato gélido dos lábios do garoto com a boca do chafariz com o formato de uma mulher. Tal acontecimento pôde ser associado aos ritos de iniciação masculina pelos quais passam os garotos em algumas sociedades antigas e atuais, onde prevalece a crença de que o masculino deve ser afastado do feminino para que o homem verdadeiramente másculo apareça.

Ao analisarmos “O crime do professor de matemática” deparamo-nos com uma emblemática relação entre o eu e o outro em que um fato do passado influencia conseqüentemente nas ações presentes. Esta narrativa traz a tona os medos e angústias de um homem que atingiu o padrão hegemônico de masculinidade constatado pelos bens sociais conquistados ao longo de sua vida; este é inteligente, corajoso, marido e pai (viril), professor enfim, possui todos os atributos necessários para ser um homem. Seu conflito, no entanto, é oriundo do abandono do cão da família em virtude de uma mudança de cidade. Este episódio pretérito evidencia o medo do personagem em fugir aos condicionamentos sociais que legitimam sua imagem masculina e profissional.

Pela discussão acerca da masculinidade no conto “O jantar”, sublinhamos os traços característicos de uma representação masculina marcada,

principalmente, pela potencialização do homem enquanto força e poder. Nesta narrativa, o ato de comer tem um alcance simbólico associável ao rito sagrado de confraternização cristã, representado pela Santa Ceia. Em linhas gerais Clarice Lispector une à narrativa, elementos cristãos para evidenciar que a sociedade exerce influência no processo de formação do homem até na velhice.

Por fim, dada a relevância da temática da masculinidade na literatura, finalizamos este estudo sem concluir. Esperançosos em abrir caminhos para outros(as) corajosos(as), dispostos(as) a enveredar por este campo de análise, ainda pouco explorado, principalmente em relação à obra de Clarice Lispector. Acreditamos na contribuição de pesquisas voltadas para esta perspectiva tanto nos estudos sobre a obra lispectoriana como nos que focam as questões de gênero, de modo a somar para ambas as partes.

REFERÊNCIAS

- ACKERMAN, DIANE. *Uma história natural dos sentidos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- BENTO, Berenice. *O homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas*. Natal, RN: EDUFRRN, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.
- KAHN, Daniela Mercedes. *A via crucis do outro: identidade e alteridade em Clarice Lispector*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005.
- LIMA, Bernadete Grob. *O percurso das personagens de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- MURARO, Rose Marie. Introdução. In: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.

NOLASCO, Sócrates. *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SIMON, Luiz Carlos Santos. Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil. *Revista Estação Literária*, v. 16, p. 8. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/28472/20641>. Acessado em 11/06/2018.

TEIXEIRA, Mona Lisa Bezerra. *Imagens da infância na obra de Clarice Lispector*. São Paulo: USP, 2010. Tese de Doutorado.

Recebido em 24/07/2018.

Aceito em 06/10/2018.